

Dolarização não é a saída, adverte Ipea

ROLF KUNTZ

A dolarização não é saída para o Brasil, embora tenha dado certo na Argentina, até agora, advertem economistas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), organismo técnico do Ministério da Economia. O caso brasileiro é "absolutamente diferente", pois o Banco Central não teria os dólares necessários para lastrear um programa desse tipo, segundo o editorial da **Carta de Conjuntura** do Ipea divulgada ontem.

O boletim também traz a nova projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1991: 0,5% nos 12 meses terminados em dezembro. Há um mês a estimativa era de 0,3% de expansão. Mas o novo cálculo ainda não incorpora os efeitos da alta dos juros a partir de agosto nem da liberação dos cruzados novos. O alto custo do dinheiro tende a frear a economia, mas a devolução dos depósitos congelados poderá produzir o resultado contrário. O mais provável, segundo a **Carta**, é um aumento do PIB superior ao 0,5% agora previsto.

Por enquanto, a previsão é de queda de 0,6% para o produto industrial e de crescimento de 3,9% para a agropecuária e de 0,6% para os serviços. A indústria de transformação deve produzir 0,2% mais do que no ano passado, enquanto a construção civil deve chegar ao fim do ano com uma queda acumulada de 0,7%. Para os demais setores da indústria, que englobam os serviços industriais de utilidade pública, projeta-se crescimento de 4,3%.

Embora se admita uma produção global maior que a do ano passado, se os juros não bastarem para neutralizar a liberação de cruzados novos, o tom do boletim está longe de qualquer otimismo. Entre janeiro/fevereiro e julho/agosto a produção industrial e o consumo cresceram cerca de 20%. Isso deu espaço às tentati-

vas de recuperação das taxas de lucro e dos salários e a inflação voltou a subir.

A resposta da política econômica foi um forte aumento da taxa de juros a partir da segunda quinzena de agosto. A não ser pelos cruzados novos, a tendência seria a repetição da trajetória dos últimos dez anos: "Alternância entre períodos de recuperação econômica, de inflação crescente e de recessão."

A causa principal da crise brasileira, o problema das contas públicas, não está resolvida. "Falta à sociedade", segundo o boletim, "convencer-se de que a solução desse problema é imperiosa, promovendo algum entendimento sobre a forma mais justa de distribuir os custos inerentes à sua superação".

ARGENTINA

Como a crise não se resolve, analistas econômicos passaram a recomendar a mais recente solução argentina, a dolarização da economia. Mas a economia argentina já estava de fato dolarizada fazia vários anos, com grande parte dos preços atrelada à variação cambial, observam os economistas do Ipea. Por isso, a quantidade de austrais em circulação e de ativos financeiros em moeda nacional era relativamente pequena. Por isso, também, as reservas do Banco Central argentino seriam suficientes para sustentar uma política baseada na manutenção da taxa de câmbio de 10 mil austrais por dólar.

Apesar do êxito conseguido até agora, nada garante a continuação dos resultados, se as reformas argentinas não avançarem com alguma rapidez. No caso brasileiro, ainda é muito grande o volume de ativos financeiros denominados em moeda nacional. O volume de dólares para bancar a dolarização teria de ser várias vezes superior ao volume atual das reservas disponíveis.